Europa entre guerras, crises sanitárias e tensões políticas

Europa entre guerras, crisis sanitarias y tensiones políticas

Europe among Wars, Health Crises, and Political Tensions

Ana Helena Gigliotti de Luna Freire

Resumo: A quinzena europeia foi marcada pelo agravamento das tensões após a Rússia lançar um dos ataques mais severos contra a Ucrânia, utilizando o míssil balístico "Oreshnik", capaz de atingir grande parte da Europa. Paralelamente, a adesão da Ucrânia à União Europeia continua travada, enquanto a Alemanha propõe uma "adesão associada", que divide opiniões. Na Otan, o convite a Volodymyr Zelenskyy para a próxima cimeira ocorre em meio a mudanças na política externa dos Estados Unidos sob Donald Trump, cuja administração ameaça reduzir o compromisso militar com a segurança europeia. O anúncio confuso da retirada de tropas estadunidenses da Alemanha e seu envio à Polônia evidenciou tensões internas na aliança atlântica e carência de estratégia por parte de Trump. A imigração voltou ao debate europeu: a Espanha avança em seu plano de regularização de milhares de imigrantes irregulares, apesar das críticas de setores conservadores e da preocupação de parceiros europeus com possíveis impactos no espaço Schengen. Enquanto isso, países da UE seguem endurecendo políticas migratórias. No campo político, eleições no Chipre fortaleceram partidos conservadores e a extrema-direita, enquanto eleições municipais na Itália trazem um teste importante para o governo de Giorgia Meloni. A saúde pública ganhou destaque com discussões sobre a proibição de redes sociais para menores em diversos países europeus, refletindo preocupações crescentes com a saúde mental de crianças e adolescentes. Na área sanitária, o surto de hantavírus ligado a um navio holandês parece controlado, mas um novo surto de ebola na África Central elevou o alerta internacional. A OMS classificou a situação como Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional, levando a União Europeia a reforçar protocolos de monitoramento e biossegurança. Por fim, a Europa também começou a enfrentar uma intensa onda de calor ainda em maio, com temperaturas próximas de 40 °C em alguns países, reforçando preocupações sobre os impactos das mudanças climáticas no continente.

Palavras-chave: União Europeia; guerra na Ucrânia; migrações; saúde mental; Hantavirus; Ebola; 79ª AMS.

Resumen: *La quincena europea estuvo marcada por el agravamiento de las tensiones tras el lanzamiento por parte de Rusia de uno de los ataques más severos contra Ucrania, utilizando el misil balístico "Oreshnik", capaz de alcanzar gran parte de Europa. Paralelamente, la adhesión de Ucrania a la Unión Europea continúa bloqueada, mientras Alemania propone una "adhesión asociada", una fórmula que divide opiniones entre los Estados miembros. En la OTAN, la invitación a Volodymyr Zelenskyy para la próxima cumbre se produce en medio de cambios en la política exterior de Estados Unidos bajo Donald Trump, cuya administración amenaza con reducir el compromiso militar con la seguridad europea. El confuso anuncio sobre la retirada de tropas estadounidenses de Alemania y su traslado a Polonia evidenció tensiones internas dentro de la alianza atlántica y una falta de estrategia por parte de Trump. La inmigración volvió al centro del debate europeo: España avanza con su plan de regularización de miles de inmigrantes en*

situación irregular, a pesar de las críticas de sectores conservadores y de la preocupación de socios europeos por posibles impactos en el espacio Schengen. Mientras tanto, los países de la UE continúan endureciendo sus políticas migratorias. En el ámbito político, las elecciones en Chipre fortalecieron a los partidos conservadores y a la extrema derecha, mientras que las elecciones municipales en Italia representan una importante prueba para el gobierno de Giorgia Meloni. La salud pública también ganó protagonismo con los debates sobre la prohibición de las redes sociales para menores en varios países europeos, reflejando una creciente preocupación por la salud mental de niños y adolescentes. En el ámbito sanitario, el brote de hantavirus vinculado a un barco neerlandés parece estar controlado, pero un nuevo brote de ébola en África Central elevó la alerta internacional. La OMS clasificó la situación como una Emergencia de Salud Pública de Importancia Internacional, llevando a la Unión Europea a reforzar los protocolos de vigilancia y bioseguridad. Por último, Europa también comenzó a enfrentar una intensa ola de calor ya en mayo, con temperaturas cercanas a los 40 °C en algunos países, reforzando las preocupaciones sobre los impactos del cambio climático en el continente.

Palabras clave: *Unión Europea; guerra en Ucrania; migraciones; salud mental; hantavirus; ébola; 79.ª WHA.*

Abstract: *The European fortnight was marked by escalating tensions after Russia launched one of its most severe attacks against Ukraine, using the "Oreshnik" ballistic missile, capable of reaching much of Europe. At the same time, Ukraine's accession to the European Union remains stalled, while Germany has proposed an "associated membership" model that has divided opinions among member states. Within NATO, the invitation extended to Volodymyr Zelenskyy for the next summit comes amid shifts in United States foreign policy under Donald Trump, whose administration has threatened to reduce its military commitment to European security. The confusing announcement regarding the withdrawal of U.S. troops from Germany and their redeployment to Poland exposed internal tensions within the Atlantic alliance and highlighted a lack of strategic planning on Trump's part. Immigration once again became a central topic in Europe: Spain is moving forward with its plan to regularize thousands of undocumented immigrants, despite criticism from conservative sectors and concerns among European partners about possible impacts on the Schengen Area. Meanwhile, EU countries continue tightening migration policies. In the political arena, elections in Cyprus strengthened conservative and far-right parties, while municipal elections in Italy represent an important test for Giorgia Meloni's government. Public health also gained prominence through discussions on banning social media access for minors in several European countries, reflecting growing concerns over the mental health of children and adolescents. In the health sector, the hantavirus outbreak linked to a Dutch ship appears to be under control, but a new Ebola outbreak in Central Africa has raised international alarm. The WHO classified the situation as a Public Health Emergency of International Concern, prompting the European Union to strengthen monitoring and biosafety protocols. Finally, Europe has also begun facing an intense heatwave as early as May, with temperatures nearing 40°C in some countries, reinforcing concerns about the impacts of climate change across the continent.*

Keywords: *European Union; war in Ukraine; migration; mental health; Hantavirus; Ebola; 79th AMS.*

Após os sinais de cansaço na quinzena passada, a Rússia realizou um de seus piores ataques à Ucrania, sendo acusada de escalar a violência, por utilizar o míssil balístico de médio alcance "Oreshnik", que pode atingir alvos em grande parte da Europa. A Rússia descreve a operação como uma retaliação por ataques ucranianos, enquanto a Ucrânia nega ter visado civis, afirmando que o alvo pretendido era uma unidade russa de drones. O fato é que a notícia da utilização do míssil "Oreshnik" desencadeou fortes reações internacionais. O chanceler alemão, Friedrich Merz, condenou o ataque como uma "escalada irresponsável" e reafirmou o apoio da Alemanha à Ucrânia. O presidente francês, Emmanuel Macron, também condenou os ataques russos, sublinhando que alvos civis na Ucrânia voltaram a ser atingidos. Descreveu a utilização do míssil "Oreshnik" como sinal do impasse no esforço de guerra da Rússia e de uma perigosa escalada do conflito. Trata-se de uma real ameaça à Europa, pois o referido míssil é capaz de atingir alvos entre 3.000 e 5.500 quilômetros de distância, o que coloca grande parte da Europa ao seu alcance.

A adesão da Ucrânia à União Europeia segue em banho maria, apesar da mudança de regime na Hungria que promete acabar com os sucessivos vetos à proposta. A proposta em pauta atualmente é de uma "adesão associada" sob a qual a Ucrânia teria acesso aos órgãos de decisão, sem direito de voto nem pasta, e a determinados programas financiados pela UE de forma "faseada". Prevê também que Kiev possa solicitar assistência dos restantes Estados-membros em caso de agressão armada, ao abrigo dos tratados da UE. A proposta é do chanceler alemão Friederich Merz e gera divisões. Há quem cogite que tratados constitutivos da EU precisem ser revisados para sua possível implementação. Já a Comissão Europeia, que supervisiona o processo de adesão, mostrou-se mais positiva e saudou a proposta de Merz por revelar "um forte compromisso dos Estados-membros para tornar o alargamento uma realidade o mais depressa possível". A Irlanda, que se prepara para assumir, em julho, a presidência do Conselho da EU, faz ponderações por intermédio de sua Ministra de Relações Exteriores, Helen McEntee. Para ela, conceder à Ucrânia um estatuto de "membro associado" pode comprometer as suas aspirações de adesão plena à União Europeia, arriscando deixá-la num limbo que pode fazer o país perder o ímpeto necessário para concluir o caminho até ao estatuto de membro de pleno direito. "Temos de garantir que não existe um sistema a duas velocidades e que aplicamos [o processo de adesão] de forma igual a todos os países", disse McEntee.

No início do ano, a Comissão apresentou um modelo de adesão "invertida", ao abrigo do qual a Ucrânia se tornaria formalmente membro da UE e iria adquirindo progressivamente os benefícios concretos associados. Alguns Estados-membros rechaçaram a ideia, classificando-a como perigosa e irrealista. A proposta de Merz aponta para uma integração gradual para aceder a fundos da UE e a fóruns de alto nível, mas deixando a adesão formal apenas para o final do percurso.

O presidente ucraniano Volodymyr Zelenskyy foi convidado para a cimeira anual da Otan, que acontecerá em julho, em Ancara. O convite marca uma diferença em relação ao encontro do ano passado, em Haia, quando a administração de Donald Trump tentou reduzir a visibilidade da Ucrânia nas discussões. Enquanto, em 2024, sob o governo de Joe Biden, os aliados da Otan garantiram que a Ucrânia seguia num "caminho irreversível" para entrar na aliança, esse tema perdeu força com Trump. A prioridade dos EUA passou a ser pressionar os países-membros a aumentar os gastos com defesa para 5% do PIB. Em reunião preparatória na Suécia, o secretário de Estado norte-americano Marco Rubio criticou os aliados europeus por não apoiarem militarmente os Estados Unidos e Israel no conflito com o Irã. Segundo Rubio, Trump pretende demonstrar pessoalmente a sua "decepção" aos líderes da Otan durante a

cimeira. Desde o início da guerra entre Estados Unidos, Israel e Irã, em fevereiro, Trump tem criticado publicamente os aliados da Otan. Muitos países europeus alegam que não foram consultados sobre a estratégia militar e, por isso, não se sentem obrigados a participar no conflito. A expectativa para a cimeira anual da Aliança Militar é que Trump anuncie a retirada gradual dos Estados Unidos da segurança europeia, o que implica na ausência de garantia de apoio estadunidense mesmo em tempos de guerra.

Quanto à retirada de 5.000 soldados estadunidenses da Alemanha anunciada recentemente por Trump, a Otan não foi informada oficialmente e ainda não sabe como se dará a estratégia: como, quais e quando as tropas serão retiradas O anúncio de Trump se deu de forma abrupta e sem aviso aos aliados, em meio a uma disputa pública com o chanceler alemão Friedrich Merz, que criticou a condução da guerra dos EUA no Irã como mal concebida, além de ter afirmado que os EUA estariam sendo humilhados nas negociações de paz. A aliança de 32 membros acolhe atualmente cerca de 80.000 militares norte-americanos em toda a Europa, mas pelo visto vai continuar com os 80.000. Isso por que Trump anunciou que enviará 5.000 soldados para a Polônia. Sim, vai tirar 5.000 da Alemanha e enviar outros 5.000 para a Polônia. Assim como no primeiro caso, não há plano ou estratégia. A decisão apanhou tanto as autoridades polacas como a própria administração norte-americana de surpresa. “Na sequência do sucesso eleitoral do atual presidente da Polónia, Karol Nawrocki, que apoiei com orgulho, e das nossas relações com ele, tenho o prazer de anunciar que os Estados Unidos vão enviar para a Polónia mais 5.000 soldados” — escreveu Trump. Obviamente a Polônia recebeu com satisfação a notícia, porém é nítida a carência de planos concretos por parte da administração de Trump. As decisões não parecem calculadas. Segundo JD Vance, trata-se de um adiamento na rotação de tropas na Polônia, movimento através do qual militares dos EUA são deslocados para bases na Polônia.

Os planos de Pedro Sanchez de regularizar a situação de milhares de imigrantes na Espanha vem avançando, apesar de enfrentar alguns obstáculos. Nesta quinzena, o Supremo Tribunal Espanhol rejeitou suspender provisoriamente a regularização extraordinária de imigrantes, pedida pela Comunidade de Madrid, o Vox e outros. As alegações contrárias à medida de regularização abordavam o potencial comprometimento de serviços públicos, maiores dificuldades no acesso à habitação e insegurança nas ruas. A Advocacia do Estado, opôs-se à suspensão da medida, por considerar que a concessão de autorizações de residência não terá impacto nos diferentes serviços públicos, uma vez que as pessoas beneficiárias da medida — aquelas que residem em Espanha desde antes de 1 de janeiro — já recorrem a esses serviços. Segundo o Executivo espanhol, esta regularização permitirá aos beneficiários aceder ao “pleno exercício dos direitos reconhecidos pelo ordenamento jurídico”, incluindo o trabalho, o que não só favorecerá a sua integração, como também fará aumentar as contribuições sociais graças à sua entrada no mercado de trabalho.

Conforme já apontado neste Caderno, enquanto grande parte da Europa endurece a sua postura em relação à migração, a Espanha, sob a liderança do primeiro-ministro Pedro Sánchez, adota uma abordagem muito diferente. Para a ministra das Migrações, Elma Saiz, a política de migração da Espanha é “quase uma política de Estado”, centrada na integração, na convivência e no reconhecimento do contributo positivo dos migrantes. “São pessoas que já vivem entre nós. O problema é que, atualmente, não têm nem direitos nem obrigações”, afirmou. Para poderem candidatar-se, as pessoas em situação irregular têm que viver na Espanha há pelo menos 5 meses ou ter pedido asilo antes do final de 2025. Perante o ceticismo de parte da população quanto à capacidade dos serviços públicos para atender todas estas pessoas sem que

o sistema colapse, Saiz defende que “é extremamente importante que os serviços públicos sejam reforçados de acordo com a população a que se destinam”.

A Comissão Europeia, bem como vários Estados-membros, manifestou reservas em relação ao plano, especialmente devido aos seus potenciais efeitos no espaço Schengen. Uma das principais preocupações é que algumas pessoas tentem fixar residência noutros países da UE sem autorização. A este respeito, Saiz entende que a medida respeita as regras da União Europeia, incluindo o sistema Schengen. Ela explica que a regularização se insere no âmbito da soberania nacional, uma vez que diz respeito a pessoas que já residem em Espanha e trabalham na sua economia. O plano do governo espanhol não pressupõe que pessoas recém-regularizadas possam deslocar-se livremente para outros países da UE com uma autorização de trabalho de 1 ano. Poderão residir e trabalhar exclusivamente em Espanha. A decisão espanhola foi tomada sem consulta aos parceiros europeus, gerando críticas a Sánchez. Existe o temor de que a medida entre em conflito com a atual política da União Europeia de endurecimento das regras em matéria de migração.

No Chipre, país que ocupa a presidência rotativa da UE, partido conservador de oposição venceu as eleições legislativas. A Aliança Democrática (DISY) de centro-direita conquistou o primeiro lugar conquistando 27,2% dos votos e 17 assentos na legislatura. Os resultados preliminares apontam para o AKEL de esquerda em segundo lugar, com 23,9% dos votos e 16 assentos, e um avanço histórico da extrema-direita, ao subir para o terceiro lugar global, ganhando 10,9% dos votos e conquistando 8 assentos. O centrista DIKO, um dos partidos que apoiam o governo, terminou em quarto lugar com 10%, conquistando também 8 assentos. Apesar do Chipre ter um sistema presidencialista e o governo não depender diretamente de uma maioria parlamentar, o novo Parlamento terá um papel decisivo na aprovação de leis, reformas e orçamentos do Estado. As eleições são ainda vistas como um teste para as presidenciais de 2028.

Na Itália, eleições acontecem enquanto este informe é escrito, para eleger presidentes de câmara e novos conselhos municipais em 700 municípios, incluindo uma capital regional, Veneza, e quinze capitais de província. O segundo turno acontecerá em 7 e 8 de junho. O pleito representará um primeiro teste para o governo de Meloni.

A saúde mental de crianças e adolescentes é tema prioritário na agenda de saúde da União Europeia. Dentro desta pauta, muito está sendo discutido sobre a proibição de acesso de menores de 16 anos à redes sociais. O Senado francês aprovou um plano para restringir o acesso de crianças com menos de 15 anos às redes sociais, mas persistem divergências jurídicas com o governo sobre como aplicar. Além disso, existe divergências com o regramento aprovado pela câmara baixa, sob o qual todas as plataformas de redes sociais devam apagar as contas de menores de 15 anos e recusar novos usuários abaixo dessa idade. A Câmara francesa também propõe a proibição de uso de celulares nas escolas secundárias. Já o Senado propõe um sistema em 2 níveis que divide as plataformas em categorias distintas: a primeira incluiria as consideradas prejudiciais ao desenvolvimento físico, mental ou moral da criança, e a segunda englobaria as que poderiam ser acessadas com o consentimento dos pais.

Na Alemanha, o ministro federal do Interior, Alexander Dobrindt (CSU), questiona a eficácia de uma proibição geral das redes sociais para crianças e atribui a principal responsabilidade aos pais. A posição do ministro contrasta com a da CDU e com o crescente movimento reformista europeu. Para ele, a decisão sobre a idade a partir da qual uma criança deve ter um smartphone cabe aos pais, não ao Estado. Ferramentas técnicas de controlo já

existem, mas a sua utilização pressupõe que os pais acompanhem ativamente o comportamento mediático dos filhos. Tal visão, contrasta com a tendência observada na Europa. Em Portugal, há uma proibição para menores de 16 anos, com exceção mediante autorização dos pais. Espanha, Eslovénia e Dinamarca trabalham em normas semelhantes.

A União Europeia também apela a medidas mais firmes em todo o bloco. O Parlamento Europeu propõe uma idade mínima digital harmonizada na UE de 16 anos para o acesso às redes sociais, plataformas de compartilhamento de vídeos e assistentes virtuais de IA, permitindo, contudo, o acesso de jovens entre os 13 e os 16 anos com consentimento parental. A Estônia é o único país da UE que se manifesta abertamente contra as proibições: a ministra da Educação, Kristina Kallas, afirmou que esta abordagem "não vai resolver verdadeiramente os problemas".

O surto de hantavírus vivenciado a bordo de um navio holandês na quinzena passada parece estar controlado. Até o momento, a OMS confirmou cerca de 11 a 12 casos da doença ligados ao navio. Sem novas mortes associadas, o surto resulta em três lamentáveis mortes (um casal holandês e uma cidadã alemã). A principal hipótese da OMS segue sendo a de que os primeiros passageiros infectados tenham contraído o vírus em terra, durante atividades na região da Patagônia ou em Ushuaia, na Argentina, onde o vírus é endêmico. Cientistas argentinos estão investigando roedores locais na região de Ushuaia para rastrear a origem exata. O navio já atracou em Roterdã, na Holanda, onde passou por processos de desinfecção. Passageiros e tripulantes foram desembarcados sob protocolos de segurança e colocados em quarentena preventiva de até 42 a 45 dias devido ao longo período de incubação do vírus.

Um novo surto, no entanto, gera preocupações globais. Trata-se de quase 1.000 casos registrados entre a República Democrática do Congo e Uganda. A situação do novo surto de ebola é significativamente mais séria e complexa do que a do hantavírus. A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou este surto como uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional, que é o segundo nível de alerta mais alto da agência, mas ainda chega a ser uma pandemia.

Após a OMS declarar o surto de Ebola (cepa Bundibugyo) como uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional, uma reunião do Health Security Committee (HSC) da Comissão Europeia especialmente dedicada à emergência de Ébola, foi convocada em caráter de urgência. O ECDC (Centro Europeu de Prevenção e Controlo das Doenças) reafirmou que o risco para a população geral na UE permanece muito baixo e que a probabilidade de transmissão sustentada dentro da Europa é considerada mínima, desde que os protocolos de isolamento sejam seguidos rigorosamente. No tocante à triagem e monitoramento, o comitê decidiu que a medida mais eficaz é o "exit screening**"** (triagem na saída) nos países afetados (RDC e Uganda). A UE apoiará tecnicamente a implementação dessas triagens para garantir alta qualidade. Ficou decidido que, no momento, não são necessárias triagens sistemáticas nos aeroportos europeus para passageiros vindos da África, uma vez que essa medida historicamente apresenta baixa eficácia para detectar casos em período de incubação. Como não há vacinas e tratamentos específicos para esta cepa, a reunião focou na coordenação de laboratórios de referência para padronizar protocolos de teste e biossegurança. A recomendação oficial é o isolamento imediato e o tratamento de suporte intensivo como única via de manejo clínico atual.

Na Alemanha, um médico estadunidense está internado no Hospital Charité em Berlim. O homem e os familiares foram retirados do Congo após a infeção. De acordo com um comunicado divulgado pelo Charité, o cidadão norte-americano de 39 anos encontra-se numa unidade de isolamento, não necessitando de cuidados intensivos. A mulher, também médica, e

os 4 filhos são considerados contatos de alto risco e também estão em isolamento em Berlim. Natural da Virgínia, o médico vivia com a família desde 2023 na República Democrática do Congo. Segundo o jornal Washington Post, que cita fontes anônimas, os EUA não quiseram receber o médico da Virgínia. O governo norte-americano desmentiu as informações e o secretário de Estado norte-americano, Marco Rubio, agradeceu oficialmente à Alemanha por ter acolhido o médico e a família.

A Itália está em alerta devido à suspeita de infecção por ebola em 2 cidadãos que regressaram de Uganda. Os protocolos foram ativados com realização dos exames pertinentes. Trata-se de uma mulher e de um homem, que regressaram recentemente de Uganda juntamente com familiares após uma estadia de aproximadamente 3 meses como voluntários. Ambos apresentaram sintomas compatíveis com o vírus ebola, entre os quais febre alta, náuseas, vómitos e perturbações intestinais. A autoridade de saúde responsável confirmou a ativação dos procedimentos de emergência, sublinhando, no entanto, que, de momento, não há qualquer confirmação oficial da presença do vírus. Por enquanto, a hipótese mais provável é a de uma forma de malária, eventualmente cerebral no caso da mulher de 30 anos, que poderá necessitar de internamento em cuidados intensivos. Os outros 5 membros das duas famílias envolvidas estão sendo monitorados pelas autoridades competentes. Em comunicado oficial, o Ministério da Saúde sublinhou que o risco de ebola na Itália "permanece muito baixo". O ministério confirmou ainda que o sistema nacional de preparação e resposta a emergências infeciosas está plenamente operacional.

Enquanto os surtos aconteciam, ministros de saúde de todo o globo participavam da 79ª Assembleia Mundial de Saúde, que aprovou mais de 20 decisões e 13 resoluções voltadas à saúde global, apesar de um cenário de crises sanitárias e cortes históricos no financiamento internacional, incluindo Alemanha, Reino Unido e França, que também cortaram ajuda. Em discurso histórico, Pedro Sanchez, premiê espanhol, fez forte apelo em defesa da saúde pública, da cooperação internacional e do multilateralismo, defendendo a saúde como direito universal e não como privilégio. Na contramão de seus parceiros europeus, revelou que a Espanha aumentou sua ajuda internacional, destinando 315 milhões de euros para iniciativas globais de saúde, incluindo a OMS, a GAVI e o Fundo Global, entre 2025 e 2027.

Outro tema de destaque na quinzena europeia foi o clima. A Europa começou a enfrentar uma onda de calor considerada excepcional para o mês de maio, com previsões de temperaturas próximas dos 40 °C em países como França, Portugal e Espanha, além de recordes históricos no Reino Unido. Especialistas e moradores têm demonstrado preocupação com os efeitos das mudanças climáticas, já que os termômetros registraram marcas muito acima da média para esta época do ano.

Considerações Finais

A quinzena europeia revelou um continente submetido a múltiplas pressões simultâneas — geopolíticas, sanitárias, migratórias, climáticas e institucionais — que expõem tanto as fragilidades quanto os desafios estratégicos da União Europeia e de seus aliados. A escalada militar promovida pela Rússia, com a utilização do míssil "Oreshnik", traz a sensação de que a guerra na Ucrânia entrou em uma nova fase de maior imprevisibilidade e potencial transbordamento regional, aumentando a sensação de insegurança no continente.

Ao mesmo tempo, as dificuldades em torno da adesão da Ucrânia à União Europeia evidenciam os limites políticos e institucionais do projeto europeu diante de crises de grande magnitude. As propostas de integração gradual ou associada refletem tentativas de adaptação

da UE à nova realidade estratégica, mas também revelam divergências profundas entre os Estados-membros sobre o futuro do bloco e seus mecanismos de expansão.

No campo transatlântico, as posições da administração Trump referendam uma possível redefinição do papel dos Estados Unidos na segurança europeia. A insistência norte-americana no aumento dos gastos militares europeus, somada aos sinais contraditórios sobre presença militar no continente, amplia as incertezas sobre a solidez da Otan e acelera debates sobre autonomia estratégica europeia.

Internamente, a Europa segue dividida entre políticas de endurecimento migratório e modelos mais integracionistas, como o espanhol, enquanto o avanço de forças conservadoras e da extrema-direita em diferentes países demonstra que imigração, segurança e identidade permanecem no centro das disputas políticas europeias.

Na área sanitária, embora o surto de hantavírus pareça controlado, o novo surto de ebola evidencia que ameaças globais à saúde continuam exigindo coordenação internacional, vigilância permanente e investimentos robustos em saúde pública — justamente em um momento de retração do financiamento internacional. A resposta europeia, baseada em monitoramento técnico e protocolos preventivos, demonstra maior preparo institucional em comparação a crises anteriores, ainda que persistam preocupações sobre capacidade de resposta em cenários mais amplos.

Por fim, a intensa onda de calor registrada ainda na primavera europeia reforça que as mudanças climáticas deixaram de ser uma preocupação futura para se tornarem uma realidade imediata, com impactos crescentes sobre infraestrutura, saúde pública, economia e estabilidade social. Em conjunto, os acontecimentos desta quinzena demonstram uma Europa pressionada por crises interligadas e obrigada a redefinir prioridades estratégicas em um cenário internacional cada vez mais instável e fragmentado.